



BERNARDO GUIMARÃES

LENDAS E ROMANCES



UMA HISTÓRIA DE QUILOMBOLAS

A GARGANTA DO INFERNO

A DANÇA DOS OSSOS

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE: \_\_\_\_\_  
N.º CHAMADA: B869.333  
                  9.943L  
V. \_\_\_\_\_  
TOMADA: 28770  
TOMADA: 67030  
PRCO. \_\_\_\_\_  
C             D   
PRECO \_\_\_\_\_  
DATA \_\_\_\_\_  
N.º CPD \_\_\_\_\_

OK

UMA HISTÓRIA DE QUILOMBOLAS

## CAPÍTULO I

— Então, malungo, está comendo tão caladinho!... fala sua verdade, isto não é melhor do que comer uma cuia de feijão com angu, que o diabo temperou, lá em casa de seu senhor?...

— E às vezes nem isso, pai Simão. Laranja com farinha era almoço de nós, e enxada na unha de sol a sol... isto aqui sim, é outra coisa... se eu soubesse já há mais tempo estava cá. Viva o quilombo, meu malungo, e o mais leve tudo o diabo.

— E capitão do mato, e força, Mateus!... você não tem medo? olha, que nossa cabeça não anda muito segura em cima do pescoço...

— Qual força, pai... tolo serei eu, se eles me apanham. Também não sei qual é melhor, se morrer uma vez, ou estar apanhando surra todo o santo dia. Quando menos a gente morre de barriga cheia e sem vergão na cacunda... Ah! que carne gostosa esta!... como chama isso, pai Simão?...

— Com efeito!... gente desgraçada que é cativo!... nem sabe o que é presunto... Agora toma lá, coma disso também, Mateus.

Pai Simão colocou diante do parceiro uma tigela cheia de azeitonas, e um punhado de bolachas.

— Que frutinha é esta?... nunca vi disto.

— E' azeitona, pateta! ha!... também parece, que lá em casa de teu senhor não se come senão o triste feijão.

— Você falou a verdade, pai Simão; mas desafôro que a gente atura de branco, ainda é pior. Branco diz que raiva de cativo morre no coração. E' mentira, pai Simão; eu hei de mostrar que raiva de Mateus fica na ponta da faca, e vai morrer no coração deles. Ah!... se você sabe, pai Simão, desfeita que levei.

— Ora isso está visto; você não vinha para cá à toa. Mas então, conta como foi isso, pai.

— Pois vai escutando, pai Simão. Você conhece bem aquela mulatinha bonita lá de casa, chamada Florinda?...

— Inda você fala!... aquilo é que é mulatinha feiticeira mesmo! e está na mão de branco... forte pena!...

— Pois bem, pai Simão; você não imagina coisa que eu tenho agüentado por amor daquela rapariga; meu coração está preto de raiva. Desde pequenina eu sempre gostei dela. Todo cobre que eu ganhava, eu dava a ela; vestidinho de chita, lenço de sêda, e até brinco de ouro, tudo ela ganhava de minha mão. Meu senhor mesmo já me tinha prometido que ela não casava com mais ninguém senão comigo. Até aí tudo vai bem. Mas vai senão quando aparece lá um maldito capixaba, um diabo de um mulato pachola, todo engomado e asseadinho, montado num cavalo preto todo arreado de prataria. Pois não é o diabo do rapaz que começa a engrajar-se com a mulatinha, e em pouco tempo me transtorna a cabeça dela. Não passa domingo, nem dia santo, que êle não

venha passar o dia lá, conversando com senhor, e o diabinho da rapariga está sempre aí rente com êle. Café, água para beber, fogo para acender o pito, tudo é ela que vem trazer, e êle está aí na sala todo chibante; e eu, que estou enxergando isso tudo, posso ficar com o coração sossegado?... fala, pai Simão.

— Conta sua história, rapaz; eu estou escutando.

— Mas a coisa não ficou nisso só, não. No fim de contas êle fala com senhor, que quer forrar Florinda e casar com ela. Ah! pai Simão, quando eu soube do caso, raiva me ferveu no coração; perdi de todo a cabeça. Desfeitei o moço, e bati muito na rapariga... Eles fizeram queixa a meu senhor, e eu tive de agüentar... ah! pai Simão... não falo, não...

— Desembucha, rapaz; deixa de história...

— Tive de agüentar uma surra de bacalhau, eu, que nunca apanhei nem um coque de meu senhor... Depois de tudo isso êle me jurou que se eu continuasse, me havia de vender para longe. Oh! a cousa é assim, banzei eu cá comigo, pois vou-me embora; não falta quilombo por êsses matos. Arrumei minha trouxa, e aqui estou, pai Simão, às suas ordens para beber sangue de quanto branco há neste mundo.

— Sai daí, bôbo; você é pateta mesmo.

— Como assim, pai Simão?...

— Pois você vem embora, e deixa Florinda, que fica lá na mão de branco?...

— Mas se ela está embeçada com o diabo do mulato, e não havia de querer por nada vir comigo.

— Ah! você é sambanga mesmo, rapaz. Pois ela tem querer. Então feitiço não serve de nada?... Quando filha de branco mesmo a gente bota mandinga nela, quanto mais mulatinha. Se você quer, mais dia menos dia Florinda está aí.

— Tomara eu já!

— Pois está dito, rapaz; sossega seu coração.

— Está dito; mas meu coração não sossega, enquanto não beber sangue de branco.

— Você pode beber, malungo; mas agora é melhor tomar um gole disto, que branco chama sangue de Cristo; sempre é melhor do que sangue de branco, que só serve para cachorro.

Dizendo isto, o negro tirou de baixo do jirau, em que se achavam sentados, uma garrafa de excelente vinho do Pôrto, destampou-a com a ponta da faca, e apresentou-a ao companheiro. Este esteve largo tempo com ela empinada.

— Alto lá! bradou pai Simão lançando mão à garrafa. Cuidado, rapaz; olha que ainda não te apresentei ao Zambí, e ele não há de gostar nada de ver você chumbado.

Esta cena se passava, há cerca de 50 anos, debaixo de um ranchinho de capim, no seio de uma furna sombria coberta de mata virgem. Os dois interlocutores, que se achavam sentados sobre um jirau de paus roliços cobertos com uma esteira de talos de bananeira, eram, como o leitor já terá adivinhado, dois quilombolas. Mateus, que naquele dia vinha fugido da casa de seu senhor alistar-se na cáfila do famoso Zambí Cassange, era um cabra ainda muito novo, bem feito, bonito e reforçado, porém de má catadura. O outro era um pretinho magro e algum tanto idoso, velho quilombola esperto e matreiro, jubilado

em tôdas as artes e patranhas próprias para despojar os caminhantes e tropeiros, e alimpar as casas dos fazendeiros.

Naqueles tempos, na província de Minas, desde a serra de Mantiqueira até os confins dos terrenos diamantinos, era uma série de quilombos, que eram o flagelo dos tropeiros e dos caminhantes, e o terror dos fazendeiros. As milícias e os capitães do mato do governador, a despeito dos esforços que empregavam, eram impotentes para dar cabo dêles. Eram como os formigueiros; se aqui extinguiu-se um, acolá organizava-se outro com os restos daquele e com uma chusma de outros negros, que incessantemente fugiam a seus senhores, certos de achar agasalho e vida regalada nos covis de seus parceiros quilombolas.

Perto da carrancuda e negra serra da Itatiaia, distante como quatro léguas do Ouro Preto, em um vasto grotão sombrio e profundo, coberto de espessíssima floresta, era o quilombo do famoso chefe Zambí Cassange. Em grotão ou furna, que por um declive não muito rápido vai terminar no ribeirão também chamado Itatiaia, é em parte separada do solo superior por uma linha semicircular de rochedos a prumo e às vêzes pendidos sobre o abismo, formando lapas fundas e tenebrosos esconderijos, tocas de caitatus e covis de boiciningas e jararacas. Ao longo e por debaixo desses penedos é que se achava aguaritado Cassange com sua gente; suas habitações eram pequenas cobertas de capim encostadas aos rochedos ou amarradas aos troncos das árvores, disseminadas em desordem aqui e ali, mas por tal forma que, a um só assvio do chefe, tôda a quadrilha pudesse em poucos instantes achar-se reunida.

Encostada à penedia, que fechava o recinto do quilombo, havia uma cobertura mais vasta, aberta como as outras, mas rodeada de um tórso parapeto: era a cabana do Zambi. O rochedo aí formava uma grande cavidade, que dobrava a extensão da resistência do chefe. Esta segunda parte, escura e misteriosa, era separada da outra por um tabique de taquaras e ramos, onde apenas havia uma estreita portinhola, e tudo feito com tal arte, que parecia ser simplesmente um mata-gal de samambaias e taquaras, que cobria a escarpa do rochedo. Entretanto, ali havia uma grande lapa, no interior da qual havia uma mina ou respiradouro, que surgia acima dos penedos, e pelo qual os negros, no caso de serem surpreendidos, poderiam salvar-se com toda a segurança, deixando em assombro seus agressores.

No meio da parte exterior do rancho, sentado em um jirau, perto do qual ardia um pequeno fogo, estava Zambi Cassange, embrulhado em sua tipóia, aspirando tranqüilamente baforadas de panço pelo comprido canudo de seu cachimbo de barro. Conversava com dois quilombolas, que eram os seus ajudantes, e que acorados junto ao fogo, de vez em quando lhe ateavam o cachimbo. Era o Zambi um negro colossal e vigoroso, cuja figura sinistra e hedionda se refletia ao clarão do fogo, com as faces retalhadas, beiços vermelhos, e dentes alvos e agudos como os da onça; mas o nariz acentuado e curvo, e a vasta testa inclinada para trás revelavam um espírito dotado de muito tino e perspicácia, e de extraordinária energia e resolução.

Já era noite fechada.

— Licença, Zambi Cassange! bradou uma voz de fora do rancho.

— Pode entrar, pai Simão.

Pai Simão entrou conduzindo o seu protegido, o cabra Mateus, que vinha pedir para ser admitido no quilombo.

— O que é que pai Simão quer comigo a esta hora?... êle é rapôsa velha, sabe farejar ao longe... Há alguma novidade, pai Simão?

— Nenhuma, Zambi; é só êste novo parceiro, que entrego, e que quer tomar mandinga...

— Está direito!... replicou o Zambi tirando o cachimbo da bôca e fitando com atenção o cabra. Mas, pai Simão, olha lá!... acrescentou abandonando a cabeça e olhando o cabra com olhos enviesados; não vá ser algum candongueiro, que nos quer entregar?...

— Dou minha cabeça por êle, senhoria; respondeu lestantemente pai Simão.

— Não tenho muita fé em gente desta côr; mas vá feito, pai Simão, já que assim tu queres... mas olha bem; se êle não anda direito, aqui não falta pau nem corda.

— Não tem dúvida, senhoria; eu fico por êle.

— Pois então, pai Simão, você, que é padrinho dêle, dá a êle a mandinga e juramento já.

Seguiu-se a cerimônia, a que o cabra se sujeitou pacientemente, lançando todavia olhares desconfiados em redor de si. Pai Simão abriu-lhe com a ponta da faca uma leve incisão no peito esquerdo, tirou algumas gôtas de sangue, que recolheu em um pequeno saquitel de couro envolto com outros objetos de feitiçaria africana, e depois de bem cosido, o dito saquitel ou caborge foi pendurado

por um cordão ao pescoço do cabra. O juramento consistia em horribéis palavras cabalísticas em língua africana, e do qual a tradição não nos deixou a fórmula. Os dois ajudantes do Zambi assistiam de pé e com religiosa atenção àquela sinistra cerimônia, que introduzia mais um neófito no grêmio dos quilombolas do Zambi Cassange.

## CAPÍTULO II

Pela estrada que vai do arraial da Cachoeira, onde outrora houve uma coudelaria imperial, para o de Congonhas, célebre por sua romaria do Bom Jesus do Matosinho, um rapaz montado em um lindo cavalo preto galopava cantolando uma modinha amorosa. Era um moço bem disposto, de fisionomia agradável, de olhos negros e expressivos; trajava com asseio e esmero, e os arreios de sua cavalgadura cintilavam ao sol, cobertos de prata-ria. Pôsto que de tez clara, todavia pela aspereza de seus cabelos negros e crespos, se conhecia claramente que tinha nas veias sangue africano. Em seu semblante risonho e expressivo transluzia a felicidade em tôda sua plenitude. O cavalo, caracolando e relinchando através daquelas aprazíveis campinas, aos primeiros raios de uma linda manhã de abril, parecia partilhar as alegrias de seu amo.

Depois de galopar cerca de légua e meia, o moço largou a estrada real, e tomou um trilho, que ia ter a uma fazenda que ficava a pouca distância dela. Sempre que aí chegava, com o coração a pular de emoção e de felicidade, a primeira pes-

soa que avistava era uma linda rapariga de quatorze a quinze anos, que sempre, impreterivelmente, o esperava à porta, com o sorriso nos lábios e os olhos radiantes de prazer.

Desta vez, porém, ao avizinhar-se da fazenda, só viu muita gente, que entrava e saía pressurosamente com ar preocupado e inquieto, e no meio dela o moço procurava debalde com os olhos a rapariga. Sua fisionomia fechou-se de súbito, e um cruel pressentimento apertou-lhe o coração. Apenas vai chegando à distância de fala, aparece à janela o dono da casa e grita-lhe de longe:

— E Florinda, Sr. Anselmo?... que é feito dela?... não me saberá dar notícias de Florinda?...

Anselmo sentiu gelar-se-lhe o coração, os olhos se lhe escureceram, e quase caiu do cavalo abaixo.

— Pois que sucedeu?... gritou êle com voz trêmula, e arrojando o cavalo com a velocidade do tufão.

— O que sucedeu, meu caro!... anoiteceu e não amanheceu.

— Fugiu?...

— Não, decerto; era incapaz disso. Sem dúvida foi roubada... os malditos quilombolas... O cabra Mateus também já há dias que desapareceu... decerto foi obra daquele malvado... Ela tinha o costume de levantar-se muito cedo, antes que os outros se achassem de pé, e saía a lavar o rosto na fonte... foi por certo nessa ocasião...

— Malditos! exclamou Anselmo. Mas, em qualquer parte que a levem, eu hei de descobri-los, nem que se sumam por baixo da terra. No inferno que vão parar, lá hei de segui-los. São oito horas

apenas, continuou consultando o relógio, montado no meu cabiúna ainda posso muito bem alcançá-los. Até breve, Sr. Capitão.

E o moço, apertando as esporas nos flancos do cavalo, bambeava-lhe as rédeas para partir.

— Não faça tal, bradou o patrão; está doido, homem! olhe que êles são muitos. Depois quem sabe de que quilombo são e que rumo levaram? Há tantos quilombos por êsses matos...

— Eu tomarei o rasto.

— Qual rasto!... pois gente a pé deixa rasto por essas serranias?

— Sempre alguma batida hão de deixar no capim, principalmente se são muitos, como Vm. diz.

— Mas o senhor sòzinho nada pode fazer, Sr. Anselmo.

— Pois então o que se há de fazer? havemos de ficar de braços cruzados? replicou Anselmo um tanto impacientado.

— Não; de braços cruzados não, meu amigo. Eu vou prometer um grande prêmio... mil cruzados, dois, três mesmo, ao capitão do mato ou a quem quer que me agarrar o cabra Mateus... é êle quem nos há de dar conta de Florinda. E também vou imediatamente a Vila Rica dar parte ao Sr. Governador e pedir-lhe auxílio e providências para acabarmos com essa corja de malvados. Já não há quem tenha a vida nem a fazenda em segurança. Isto assim não pode continuar.

— E' tempo perdido, Sr. capitão. Há muita gente graúda que capeia êsses malditos e se enriquece por meio dêles. Não falta quem os avise, e nunca podem ser agarrados. Se nós mesmos não

fizermos diligências, e nos fiarmos no govêrno de Vila Rica, estamos bem aviados. Nada! nada! hei de seguir-lhes o rasto. V. S. pode fazer o que entender; mas eu hei de ir atrás dêles ainda que vão até o fim do mundo.

— Mas isso é loucura, meu amigo... ainda que os apanhe, que você poderá fazer?

— Não tenha cuidado, Sr. capitão. Vou só rastrejá-los, e espiá-los para ver onde levaram Florinda. O resto depois se arranjará. E isto é já; não há tempo a perder.

— Já que assim o quer a todo transe, espere um momento; não vá sòzinho; leve dois dos meus camaradas.

Daí a alguns instantes os dois camaradas estavam prontos, montados em dois valentes cavalos.

Anselmo e seus dois companheiros foram à fonte, onde se presumia que os quilombolas tinham apanhado a rapariga. Depois de examinarem com cuidado reconheceram a verdade da suposição, e descobriram a direção que tinham tomado os quilombolas. Depois de terem saído na estrada andaram por ela por algum tempo na direção da Cachoeira. O rasto estava ainda fresquinho. Parecia que mais cedo meia hora que Anselmo tivesse vindo, os teria encontrado em caminho. Mais adiante reconheceram que os negros tinham largado a estrada, e tinham trepado a serra procurando os lados dos pequenos arraiais chamados José Correia e Itatiaia, em cujas imediações havia famosos e formidáveis quilombos.

Anselmo era vaqueano e traquejado naqueles sítios, e dotado de suma sagacidade e viveza; en-